

OK

PROJETO: MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO NO DF

ENTREVISTADO: GILDO WILLADINO

ENTREVISTADORES: JORGE N. FIGUEIREDO E JEANINA DAHER

DATA: 15.04.92

CONTINUAÇÃO...

...para a criança que está acostumado com uma professora de desenvolvendo, as diferentes áreas do conhecimento humano, de forma mais ou menos integrada, mas ela é a mesma pessoa e elas conviviam, no mínimo, 4 horas por dia com a mesma pessoa, passa a ter 4 horas por dia com 4 pessoas diferentes, que nem conhecem direito. E o professor não conhece mais aluno. Então, a quinta série é a que tem mais reprovação, do que o ciclo básico. E a criança de quinta série é muito cara. Em educação sempre tem que se olha o lado econômico, fora o educacional. Uma criança de quinta série, é brutalmente cara, porque é um professor de letra "C" sempre, que é um professor caro e custa, mais ou menos, o triplo de um da... que leciona em letra "A" na primeira série, sem contar que entra na primeira série, em geral, um novato, que está bem no começo, quem está da quinta em diante, já teve os avanços que a fundação dá e é algo muito positivo, muito positivo, agregar por tempo de serviço anual, que é um estímulo para ficar na carreira. E então, há m a s s a c r e. E depois a transição do primeiro grau para o segundo grau. As taxas de evasão imediata, ou seja, a retirada, durante o ano letivo e retorno no ano seguinte e as taxas de reprovação da primeira série do segundo grau também é enorme e de um aluno ainda mais caro que o da quinta.

ENTREV.: O SENHOR VIVEU NO INÍCIO DO DISTRITO FEDERAL, AQUI EM BRASÍ

LIA A LEI 4024, NO INÍCIO DO SISTEMA DE BRASÍLIA... (GILDO : Antes, a Capanema, o primeiro ano.) - ...PRIMEIRO ANO. LOGO EM SEGUIDA VEM A PROTEÇÃO DA LEI 4024. (GILDO: 60, 61; aí veio a 4024.) - DEPOIS, 10 ANOS DEPOIS, MAIS OU MENOS, A 56-92; QUE PARALELOS OU QUE QUE... (GILDO: Comparações.) - ... COMPARAÇÕES O SENHOR FARIA DESSAS DUAS COISAS?

RESP. : A reforma Capanema, que veio de 43, durou até 61, ela era elitista. Eu achava extremamente rígida, inclusive para os programas mínimos. Hoje em dia, eu estou começando a me questionar, não só de hoje, de um tempo atrás. O ensino era bom, ter programas mínimos rígidos, o professor podia dar mais, mas tinha que seguir aqueles pontinhos, mas os pontinhos podiam ser mudados, porque eu podia ver uma atualização. E isto era só para Brasília e isto era positivo, porque os alunos, em princípio, vindo de todos os Estados, eles tinham, mais ou menos, no mesmo nível. Se a escola era mais fraca, do interiorzão qualquer ou daquelas escolas que existiam de: pagou - passou, que também tinha disso, a média dos alunos tinha um padrão bastante bom. Com a 56... 4024, os currículos se diferenciaram. Isso para o Brasil, na década de 60, que a migração foi muito grande (TOSSE), foi uma calamidade, porque cada Estado passou a lecionar... falo mais em rede estadual, porque as escolas particulares, seguiram mais ou menos os antigos programas mínimos; quer dizer, não aproveitaram, digamos, as oportunidades da lei. E nessa década, o sistema de ensino público, passou a aproveitar a chance de relaxamento e começou haver aquilo que chama de: previsão auto-realizável. Tem outras expressões para isso, mas em essência é

o seguinte, os alunos são fracos, portanto não podem aprender e, portanto, vão ser reprovados. É uma fatalidade. Como a filosofia de educação dos anos 20, que eu não peguei, dos 30, dos 40, eu já peguei, é: nós temos essa tarefa como professor e os alunos que se virem. E a 5692, teve um problema terrível. Primeiro lugar, uma grande vantagem, uma grande vantagem, que ainda não está concretizado até hoje, porque até então, educação era obrigatória até fechar o primário, passou a ser o primeiro grau. No Distrito Federal, isso já acontecia. E até hoje, praticamente, toda a demanda do segundo grau é atendida. É a única unidade da federação que o sistema público, bem ou mal, com escolas, às vezes, com vários problemas de atrasar a chegada do professor, faltar uma série de materiais, etc. Isso, o Distrito Federal já fazia, mas para o Brasil foi bom. Mas no Congresso, não foi projeto do executivo, inventaram o tal do profissionalizante do segundo grau. Nós tínhamos naquela ocasião, em 71, o ano anterior ao plano de cotação do novo regime e eu estava presidente do grupo que planejou a mudança, se tentou desesperadamente conservar um pouco do anterior, porque nós tínhamos em 71, 51% da matrícula, os chamados: cursos acadêmicos e 49 nos vários técnicos, incluindo normal. Então, tínhamos técnicos... cursos técnicos comerciais, industriais, o normal e já, a escola agrícola; embora sustentado pela União, recebia alunos daqui. Aí os bons cursos técnicos acabaram, porque se cortou o técnico, praticamente e o curso acadêmico foi esvaziado, inclusive, porque nós não tínhamos professores para isso. Eu ajudei a implantação, ajudei assim, no sen

tido de empenho de conseguir verba, de equipar todos os centros de ensino com oficinas. Mas me baseiei em pedido da equipe central da fundação. Acontece que essa equipe central não tinha experiência e não tinham culpa disso, disseram: prepare a lista. Pediram cada material complicado, que foi para as escolas e virou tudo sucata. Inclusive, loucuras que foram feitas irracionalmente, eu sou co-responsável. Comprasse ser ras giratórias para oficina de criança no primeiro grau. Uma professora em Sobradinho perdeu três dedos, porque nem a professora sabia mexer numa serra daquelas; fornos para fazer cerâmica, mas tinha que fazer ligação tri-fásica; as escolas não tinham ligação tri-fásica; quem pediu, não sabia que as escolas não tinham ligação tri-fásica. Então, essa obrigatoriedade de educação no trabalho que o Congresso e é bom dizer isso, que foi o Congresso que votou o projeto, arreben- tou o segundo grau da rede oficial do Distrito Federal e do ensino governamental em todas as unidades da federação; só salvaram as escolas técnicas da União: agrícolas, industriais e uma pouquinhas comerciais, que mantiveram o seu padrão de qualidade, que, diga-se de passagem, são escolas ótimas, com orçamento próprio, cada uma. O (INCOMPLETO) da 5692, foi gastar tempo dos alunos, em resumo, se perder tempo, que é a coisa mais preciosa que nós temos, porque é irreversível. Tem a vida, se perde a vida também, mas depois de perder a vida, a pior perda é tempo. Se gastou tempo de vida dos alunos para isso. E em contato com empresas particulares, eles não querem aprender de nada disso ou daquilo. O técnico de escola agrícola industrial federal, é técnico mesmo; isso

eles querem; como era o de técnico de eletrônica do Elefante Branco. Quando fui diretor do Elefante, em 61, 62 e durou vários anos depois, os alunos saíam de lá empregados e passavam em vestibulares; do ITA, era adoidado. O cara que ia para São Paulo fazer um concurso do ITA, entrava direto, o aluno do Elefante. Tudo isso foi dissolvido. A escola... a área do setor terciário, que é serviços, quer que a pessoa saiba ler bem, escrever bem, está cada vez mais difícil, não é? e saber as quatro operações básicas, o resto, a empresa ensina. As grandes indústrias brasileiras, nacionais ou multinacionais, estatais ou particulares, têm seus cursos preparatórios de seus técnicos; eles querem uma boa cultura geral. E a PETROBRAS, por exemplo, é exemplar. Quando começou, começou pegando analfabeto no Estado da Bahia; foi lá que começou. Vários desses que entraram analfabetos, acabaram engenheiros. Observação de passagem: na Bahia é um dos lugares que há maior preconceito de cor, pior do que o Rio Grande do sul, pior que Paraná, pior que Santa Catarina. O preconceito é violento e a discriminação também. Nos grandes clubes de Salvador, a pessoa apresenta a proposta, a diretoria resolve se escolhe o sócio, se for branco entra, se for preto não entra. E na Bahia, pretos entraram analfabetos na PETROBRAS e ficaram engenheiros da PETROBRAS; toda uma carreira profissional.

ENTREV.: MAS ISSO, UMA CATEGORIA PROFISSIONAL NA BAHIA HOJE QUE SE FALA MUITO, A PESSOA TRABALHA NUM PÓLO, É POLEIRO, NORMALMENTE, POLEIRO É AQUELE QUE TEM CARRO DO ANO, MORA NO SEU APARTAMENTO NA ORLA E A MAIORIA CONSTITUI DE NEGROS, NÃO É?

RESP. (3) É! mas isso é feito com muita garra e exatamente. Então, o pólo do Estado da Bahia e a PETROBRAS, ajudaram a promoção social dos pretos, porque no Brasil... o Joaquim Nabuco diz que: não pode haver abolição, sem libertar o sustento do preto, libertar a terra. Ele propôs reforma agrária em 1888 e radical para dar terra, para dar a liberdade para o preto. Mas as grandes empresas t r e i n a m . A PETROBRAS está cheia de cursos; VOLKSWAGEN quer pessoal de segundo grau e aí vão dar o curso para o trabalho que ele vai fazer na empresa. Então, uma grande empresa não precisa, se não de algumas especialidades na área industrial, que o cara venha de uma escola técnica federal, tipo: torneiro; trabalhar com torne não é fácil; fresador, também trabalha com metal. Então, esses trabalhos mais delicados com metal, aí eles querem alunos da escola técnica federal. O resto da mão-de-obra eles preparam. Então, não é do sistema educacional, preparar para o trabalho. E no Distrito Federal, a rede oficial teve essa bobeira e fez. E foi quando começou a crescer a rede particular. A rede particular fez imitação de profissionalização. Ou seja, chamou de iniciação profissional, aprofundar estudo acadêmico. Então, auxiliar de laboratorista, na rede particular o que que era? ensinar muita biologia para quem queria fazer medicina e furar o dedinho, fazer exame de sangue, etc., mas era aprofundar o acadêmico. Meu filho, por exemplo, é auxiliar de eletrônica e se vocês quiserem perder um aparelho eletro-doméstico (RISOS), chamem meu filho e se ele demore e não sabe montar. Mas está lá, segundo grau, técnico-auxiliar de eletrônica. As escolas particulares (IN -

COMPLETO) amavelmente e atenderam à clientela. A rede oficial foi, levou a sério e se perdeu tanto o acadêmico, quanto o técnico.

ENTREV.: HOUVE UMA TENTATIVA DE... HÁ UMA TENTATIVA DE RESGATE COM A 7044, NÃO É ISSO?

RESP.: Sim! aí é que se começou a voltar aquilo que a classe média ao menos quer e mesmo os mais pobres querem, que o filho tenha uma formação acadêmica boa. Depois vai se virar no mundo. E o sonho por uma universidade é muito grande. E aqui no Distrito Federal, nós temos o maior percentual de pessoas... percentual em relação à população; de pessoas com o nível superior. E só perdemos para a cidade do Rio de Janeiro... não é para o Estado, para a cidade do Rio de Janeiro, em estudantes universitários por população. E de novo, vem essa coisa triste no Brasil. O pobre e até a classe média-média frequentam o primeiro grau, segundo grau numa escola oficial e vai fazer o superior na rede particular. E os filhos de pai, o remediado, alguns com sacrifício, paterno, vai para a escola particular primeiro grau, segundo grau e vai pegar a UnB que é de graça. É uma discriminação odiosa e... o Brasil é um país muito doido em educação, em que quase todas as Universidades Federais não funcionam à noite, quando as universidades européias e americanas funcionam à noite. O curso é feito de acordo com as condições do aluno de seguir as tarefas; mantém o curso noturno, inclusive, curso complicado, como: medicina. Invés de levar seis anos para fazer o curso, vai levar dez, mas pode fazer à noite. E nós temos uma UnB, que só agora vai abrir à noite, enquanto que as faculdades

particulares, praticamente, todas funcionam, grosso da matrícula -
 la: noite. Eu tenho desconfiança, só o CEUB tem cur-
 sos matutinos. Eu acho que a UDF, a UPIS, a Católica também
 tem. (ENTREV.: EU ACHO QUE A UNEB TAMBÉM TEM.) - A UNEB eu
 tenho lá minhas dúvidas, mas começou só a noite. E o grosso
 da clientela é à noite. Então, é para o pessoal que tem que
 dá duro e tem que pagar seus estudos. E no Rio de Janeiro,
 nós temos o maior delírio que eu conheço em matéria de Bra-
 sil. Tem a Universidade Federal do Rio de Janeiro, antiga
 Universidade do Brasil, que funciona só de dia. E temos a
 Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que praticamente só
 funciona de noite. E a Universidade Estadual, está toda con-
 centrada ali, pertinho do Maracanã. Durante o dia, aqueles
 blocos estão vazios e à noite fica (INCOMPLETO). É uma ir
 racionalidade no uso do dinheiro público. Agora, no Distrito
 Federal, desde 61 nós temos uma coisa positiva, que vários
 Estados não tinham, é escola pública de manhã, de tarde e
a noite. A oferta de ensino no Distrito Federal é a maior
 do Brasil. Não tem nenhuma unidade da federação, nem em São
 Paulo, nem Rio Grande do Sul, nem Santa Catarina, nem Rio de
 Janeiro, nem Paraná tem uma oferta equivalente ao Distrito
 Federal.

ENTREV.: O QUE QUE O SENHOR ACHA DESSE PROJETO AGORA DO CIAC? ESTÃO
 INAUGURANDO, ACHO QUE O TERCEIRO, NÃO É, AQUI EM BRASÍLIA?

RESP.: Acho uma loucura. Primeiro lugar, vamos pegar fora do Distri-
 to Federal. Os Estados e os municípios não vão poder susten-
 tar essa tralha. Isto vai apodrecer. Aqui no Distrito Fede-
 ral, o custo de manutenção, que é, principalmente, pessoal,

vai de 40 a 60% do preço do prédio ao ano. Construir é fácil; e o CIAC é barato de construir, mais barato que o convencional. Sustentar, é que são elas. Não é só a rede oficial no dia de hoje, 15 de abril de 92, com 56 escolas precisando de reparo urgente; e 10 interditadas e estamos fazendo CIAC. Pela primeira vez na história da educação, eu vejo um projeto arquitetônico impor o projeto pedagógico. Toda a experiência mundial é ao contrário, o arquiteto vai fazer a planta, mas é o pessoal da área de educação que vai dizer o que querem e o que precisam. Quase sempre tem umas falhas. Vou citar a falha mais comum em todo o Brasil: é depósito. A Escola precisa de depósito para material e depósito para sucata; todas. E o pessoal pedagógico não vê isso. Então, eu estou dizendo que o pessoal da área pedagógica seja sábio e acerte sempre. E os arquitetos vão nas águas do partido, como se chama, arquitetônico. Para falar da seriedade desse problema de depósito, sanitário, por exemplo, é a área mais cara da escola por metro quadrado. E nós temos muitos sanitários, pode visitar a escola, que está lá, usado como depósito. Nós temos umas setessentas salas de aula desviadas para outros fins, principalmente, depósito, o que é um desperdício. Bem, mas nós somos o contrário, primeiro entrega o prédio e depois vai explicar aos professores o que é que vão fazer. É muito metro quadrado por aluno, o espaço é muito grande, manter isso é difícil. Quando o projeto for abandonado, quando saturar o negócio de CIACs, essas fábricas vão parar e aí depois não vai haver peças de reposição, e o mesmo uns CIEPs que fizeram em Salvador. Estragava um trecho, a fábrica

ca estava paralizada, porque só fez um. Então, nós temos um projeto caro por aluno, não por metro quadrado. É muito caro para mantê-la. E ser diretor geral de um dos CIACs, que alguém tem que coordenar aquela estrutura toda, que tem: posto de saúde, tem creche, tem refeitório e dá aula e tem área de lazer, alguém administrar isso não é tarefa fácil. É parecido com escola agrícola, como a que nós temos aqui. A escola agrícola ela é: uma escola, é um hotel e é uma fazenda. Então, ser diretor da escola agrícola não é fácil; são 22 Km², a superfície da escola agrícola de Planaltina. Bom, um CIAC não é tão complicado como escola agrícola, mas a escola agrícola tem uma larga experiência no Brasil. (ENTREV.: E ESCOLA AGRÍCOLA SE AUTO-SUSTENTA TAMBÉM, NÃO É?) - Não! sustenta muito pouco. Eu não sei se eu estou muito certo não, parece que eles compram, qualquer coisa, como 1200' pães por dia. Então, o custo de manutenção pela fundação é muito alto; muito alto.

ENTREV.: MAS ELA NÃO TEM UMA ESTRUTURA CAPAZ DE SE AUTO-SUSTENTAR?

RESP. : Não! porque eles não podem produzir trigo, comprar farinha, fazer pão. Se estraga o forno, por exemplo, tem que requerer à Fundação Educacional, para depois ter... para mim, a escola agrícola tinha que ter um orçamento próprio. Aí é outra história, porque depender de pedido para a fundação, pode falar qualquer diretor que pintou o banheiro, que foi isso, que foi aquilo e ficar só memorando, o diretor lava as mãos e a escola vai apodrecendo. E a chave do processo educacional, para mim, ainda é o diretor da escola; ele é o gerente de uma unidade de produção de um serviço, que é a educa -

ção. A escola é tão boa ou tão ruim, quanto é bom ou é ruim seu diretor, que pode ter vários estilos. Para citar dois casos do Plano Piloto, que são duas escolas afamadas : o Centro Educacional do Setor Leste e o Centro Educacional do Setor Oeste. Numa, a gestão é muito democrática, na outra gestão, é muito autoritária, mas nos dois, os diretores têm ação de presença no trabalho dos professores e nas atividades do estabelecimento. E se a gente pegar, até mesmo, demanda por escolas, vai se vê que a população tem sensibilidade, porque aquelas filas em algumas escolas, o pessoal vai pernoitar. Ah! se numa escola tem vaga, na outra está apertada, por que que eu vou passar um fim de semana dormindo lá? porque eu quero educação de qualidade para meu fi-

lho. Agora, quem é que faz essa educação de qualidade? o professor? os professores são os mesmos, o que muda é a figura do comando da escola. Pode-se comparar a uma fábrica: um gerente relaxado, vai ter uma fábrica que vai falir. E se olharem, por exemplo, as escolas particulares, independente do que tem, eles têm bons administradores. E o exemplo a gente vê coisa mais simples, é ir para banheiro de escola. Um amigo meu, que era secretário de educação, ele visitava escolas, comprimentava o diretor e ia direto para o banheiro dos alunos. Em 10 escolas, ele não achava uma

por aí. Então, o que nos falta são bons gerentes' educacionais na rede pública. O diretor teria que tomar consciência, de que ele está gerindo muitos recursos. E a central, tinha que sensibilizar a nível de superiores. Eu sei da movimentação e trabalhei no planejamento no Distrito Federal 15 anos, é uma luta conseguir material de consumo, que é uma coisa barata, gente! para abarrotar as escolas de material de consumo, bastava jogar 6% do orçamento. Vão ser avaliados entre 1,5 e 3, contando o material de consumo da administração central, o gasto com a merenda escolar, etc. Dá lápis, dá papel para os alunos nas séries iniciais; dá livrinho descartável, que não é bem de capital, porque um livro encapado é bem de capital, é tombado no patrimônio da fundação. Mas dá livrinho descartável, estórias em quadrinho e tal. vai ler o quê? então, a central tinha que criar condições um dia, de abastecer as escolas de material de consumo. E os diretores tinham que saber gerir a sua escola e envolver a comunidade também. Quantas escolas têm tomada estragada, água correndo num banheiro, o desperdício, fora outros pequenos defeitos, em madeira e tudo mais. Em quase todas as comunidades, principalmente, nas mais pobres, têm pai que trabalha

tão, tem diretor que sabe ser gerente. A maior parte não; arrebentou uma coisa, manda um memorando para a regional, que vai mandar para a central, isso, aquilo e não resolve nunca. Então, nós temos falta de executivo. E não é nada de privatizar a escola, é o diretor de escola quem vê que aquilo é dinheiro do povo e o governo brasileiro acabar com essa mania' de falar em beneficiário: beneficiados tantos mil. Ele não está tirando do bolso dele, está tirando da população, ele está devolvendo. (ENTREV.: E O POVO TEM QUE TOMAR ESSA CONCIÊNCIA MESMO, PORQUE É UM DIREITO DELE, NÃO É UMA DÁDIVA.) - Que é um direito! não! nos países desenvolvidos todos. Até que diria, Itália um pouquinho exceção, porque Itália tem o seu ritmo próprio. O cara vai num balcão de serviço público e exige o serviço. Não começa armando bronca. Eles são educados para chegar e solicitar, mas não tem essa história do cara ter de sair do banco ou ter ido tomar um cafezinho e para esperar. Aí o cara arma um banzé...

.FINAL DA TRANSCRIÇÃO DO LADO "B" DA FITA II, REFERENTE A ENTREVISTA COM O PROFESSOR GILDO WILLADINO.

.BSB / 17.06.92

.TRANSCRIÇÃO FEITO POR BEBETO ALVES.

(QNN. 40 CJ "E" CS 01 - CEILÂNDIA/DF. - TEL. 376 4167 "recado")